

Espaço aberto

Para esquecer Sarney

FERNANDO PEDREIRA



O general João Figueiredo, quando era presidente, notabilizou-se por um estilo curto e grosso e uma maneira de ser que em geral se atribui aos soldados de sua arma, a Cavalaria. O general, ao se despedir da vida pública, talvez por compaixão, pediu aos brasileiros que o esquecessem. Mas, como era possível?

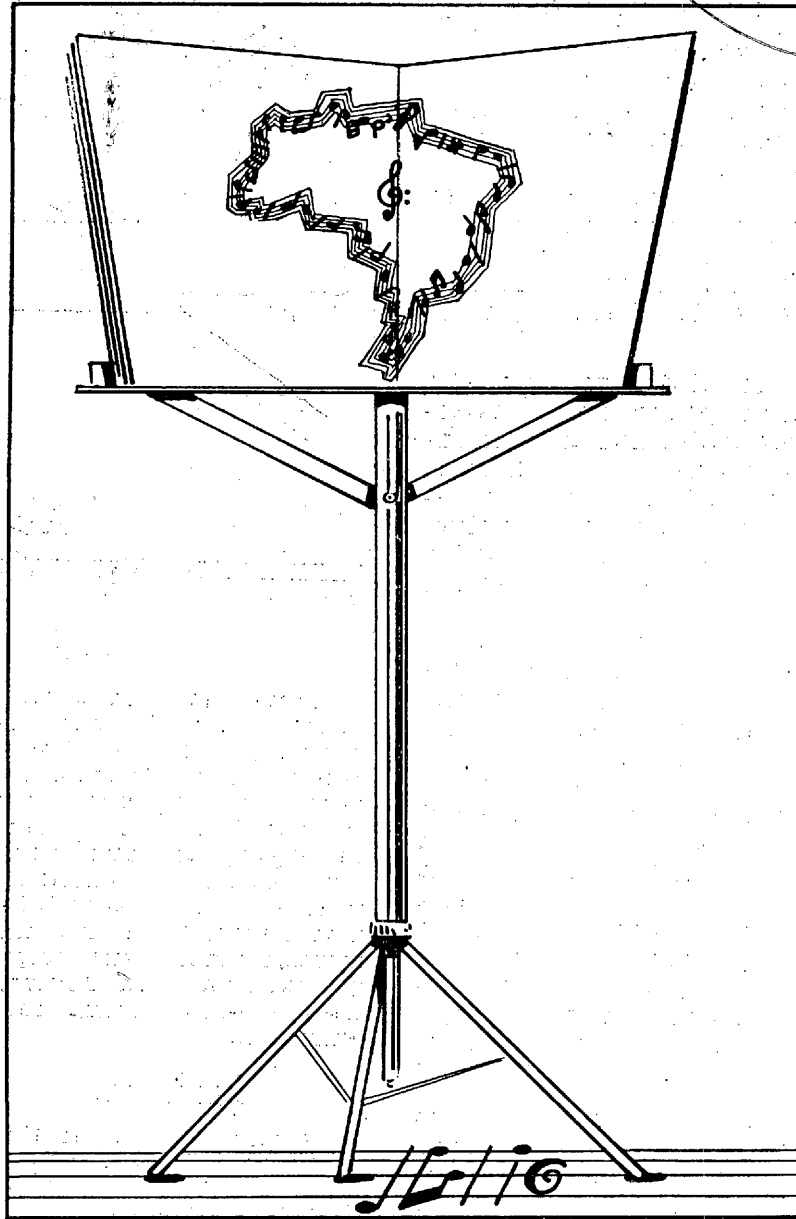
O presidente José Sarney que o substituiu (e o redimiu) não é da mesma Arma. Ao contrário, o atual presidente é poeta (ainda que mau) e escritor. Sofre de insônia, acorda ainda de madrugada e enquanto espera os convidados para o jerimum da manhã, escreve. Lê e escreve. Assim se fazem, à força de insônia, tédio e persistência, muitos notáveis talentos literários.

Mas o presidente, na verdade é menos poeta e escritor do que político. Um político assíduo e dedicado, que labutou diligentemente por 30 ou 40 anos, até chegar ao topo da carreira. Dir-se-á que ele só chegou tão alto graças a um providencial peteleco de destino; mas o fato é que esse peteleco não teria vindo se ele já não tivesse galgado, por seus próprios meios, o penúltimo degrau da escadada.

E eis aí onde entra a célebre ironia do destino. Não se pode dizer que Sarney fosse um mau político. Não: ele foi um deputado oposicionista que se destacou pela moderação; elegeu-se depois governador e senador, tornando-se por longos anos dono e senhor da política de seu Estado, o Maranhão. Uma carreira talvez um tanto exageradamente provinciana mas, sem dúvida, competente.

O mal foi o peteleco. A reputação modesta que se havia construído em décadas de trabalho diligente, desmoronou numas poucas dúzias de meses. O cidadão José Sarney revelou-se (para surpresa, até, de muitos que o conheciam de perto) um presidente incredulamente incompetente, hesitante, incapaz, fraco e, sobretudo, cheio de uma vaidade tola e vazia que o leva a expor-se desastrosamente, pateticamente (como nessa recente viagem a Paris), em horas em que mais lhe valeriam o reduto, o comedimento, o pudor, para não falar da austera modéstia que costuma ser a marca dos servidores públicos decentes e dos verdadeiros homens de Estado.

"Boa romaria faz quem em sua casa fica em paz." O desvendado peteleco da Providência, que elevou Sarney ao topo da montanha, teve pois um duplo e



desastroso efeito: revelou nele insuspeitada fraqueza e incomum mediocridade, ao mesmo tempo em que acendia no seu espírito modesto uma vaidade pouco sensata e a compulsiva necessidade de mostrar ao mundo (e a si próprio) que ele é o oposto do que de fato é: um grande estadista, um chefe de governo decidido e enérgico.

Decorrem daí as viagens e os discursos e entrevistas no rádio e na TV. O presidente é um pifio malogro nas suas funções específicas mas, em compensação, voa pelo mundo com uma comitiva de grande potentado, ombreia em Paris com os poderosos da Terra e, de volta a Brasília, esbraveja valentemente na televisão, dá murros na mesa e faz calar os repórteres que o entrevistam, na vã esperança de que essas demonstrações de "autoridade" eletrônica façam esquecer a desmoralização e o descrédito que são a suma verdadeira da sua administração e do seu governo.

Às vezes muitas pessoas não se dão conta disso, mas (apesar dos

esforços dos entrevistadores, que fizeram o possível nas circunstâncias) a "entrevista" do presidente na TV Bandeirantes, segunda-feira, foi uma farsa ainda pior, embora mais barata do que a viagem a Paris. Em qualquer país do mundo, entrevistar o presidente da República é sempre tarefa delicada e difícil, limitada pelas exigências da etiqueta e do protocolo. No caso brasileiro, entretanto, em que a TV é uma precária concessão do Estado e onde a maioria das empresas depende, para sobreviver, da "boa vontade" dos grandes bancos estatais e das grandes empresas públicas, talvez o melhor (e o mais honesto) fosse dar simplesmente a palavra ao presidente e deixá-lo falar o que que quisesse, como quisesse.

Eis aí um tema que, mais cedo ou mais tarde, terá de ser enfrentado pelos homens de bem deste país, aí incluídos certamente os jornalistas. Como conciliar (ou, posta) independência da TV com os hábitos políticos patrimonialistas e a maciça concentra-

ção do crédito e da publicidade nas mãos de bancos e empresas do Estado, isto é, nas mãos dos homens do governo?

Um pouco de glasnost, nesse caso, não nos faria mal. A establição é inimiga da liberdade (e da decência). Na maioria das vezes, ela transforma a liberdade em meia cumplicidade, conluio, compromisso. Num país de princípios frouxos, como o nosso, o mínimo que seria preciso fazer era tirar das mãos dos políticos os cordéis das burras do Estado; tornar a administração do Banco Central e dos bancos oficiais independentes do governo da hora. E, mais ainda, fechar a maioria dessas instituições, que só servem para gerar privilégios e bandalheiras variadas.

Neste momento, os efeitos do peteleco que fez Sarney presidente estão sendo mais do que nunca inconvenientes e inoportunos.

A poucos meses das eleições e da troca de governo, o que o País precisava era poder voltar-se para o futuro: escolher o melhor candidato à sucessão; discutir as decisões (temíveis) que ele terá de tomar logo ao assumir o poder, examinar os possíveis caminhos para sair da entalada em que nos meteu a Nova República, com a sua nova Constituição e o seu velho patrimonialismo cartorial.

Precisávamos, pois, esquecer Sarney. Deixá-lo em paz, de uma vez. Mas, como fazer isso se o presidente nos bombardeia sem descanso com escândalos, viagens, entrevistas, discursos, medidas provisórias... Ainda agora, neste final de julho, estão na ordem do dia, além dos ecos da revoadada a Paris (e a preparação da próxima), o escândalo da Bolsa (Elmo Camões), a crise do IBC (Robertão), e o escândalo do Itamaraty (Fundação Cabo Frio), para não falar do permanente escândalo da inflação e dos preços.

Diante das mazelas do quadro atual e das expectativas que oferece a sucessão, o povo brasileiro certamente se sentiria agradecido se o seu presidente resolvesse, neste crepúsculo de governo, trabalhar em silêncio, portar-se com o comedimento, a reserva e o pudor que suas tristes circunstâncias aconselham.

Assim agindo, com modéstia e compostura, Sarney, quando menos, deixaria mais claro que a culpa não é só dele. Que ele é apenas um membro (e nem sequer dos piores) de uma vasta classe política, ignorante, corrupta e gananciosa, que hoje ocupa a maioria dos governos e prefeituras do País e enche o Congresso e as Assembléias e Câmaras Legislativas.

Resta ver se, com um novo maestro, essa orquestra melhora. Se não, só um Karajan...

Fernando Pedreira é jornalista e foi redator-chefe do Estado e do Jornal do Brasil.